

## “ELEONORA DI TOLEDO, GRANDUCHESSA DI TOSCANA” DE BRONZINO

**Vanda Anastácio\***

No posfácio que incluiu no livro *Metamorfoses* (1963), onde este poema figura, Jorge de Sena refere-se aos textos aí reunidos como uma série, que corresponderia à “expressão específica de um novo espírito” na sua maneira de escrever. Este último ter-se-ia manifestado inicialmente “a uma escala miniatural” no conjunto de três poemas sobre obras de arte, com o título *Primitivos*, publicado na colectânea *Pedra Filosofal* (1950). Em *Metamorfoses*, Sena retomava a ideia de compor poemas “sobre objectos pictóricos, escultóricos, ou afins” nos quais materializava, segundo dizia, “o desejo definido, ainda que impreciso, de meditar poeticamente no sentido, *para mim*, de determinados objectos estéticos.” Atente-se na expressão sublinhada, já que esses textos constituem o registo de uma experiência pessoal assente em interpretações e estados emocionais que reflectem o mundo interior do sujeito da escrita. As *Metamorfoses* mencionadas no título da obra podem, pois, ser entendidas como o resultado da transfiguração de experiências subjectivas associadas aos objectos, por meio da palavra poética.

Vale a pena ter presentes estas considerações de Jorge de Sena quando nos debruçamos sobre o texto composto a partir do retrato de Eleanora di Toledo atribuído a Bronzino, que se preserva na Wallace Collection. Nem no texto, nem na nota que redigiu acerca da obra, Sena faz qualquer alusão ao facto de se tratar de um retrato póstumo, encomendado por Cosme I, marido da princesa, e construído a partir de pelo menos três pinturas anteriores.

A inscrição que figura no quadro –  
FALLAX.GRATIA.ET.VANA.EST.PVLCHRITUDO (a graça é enganosa e a beleza é  
vã) –, retirada do livro dos Provérbios (31:30) e relativa à mulher virtuosa

(cuja conclusão, no versículo seguinte é: “mas a mulher que teme ao Senhor será louvada”) lembra ao espectador o desaparecimento da Arquiduquesa, e o facto de nenhum ser humano (nem os príncipes, nem as mulheres formosas e virtuosas) ser imune à devastação da morte.

O que o poema apresenta não é uma análise, ou uma explicação do retrato, mas uma divagação que se desenvolve a partir de associações estabelecidas entre o assunto do quadro e o mundo mental, cultural e emocional do sujeito da escrita. Jorge de Sena escreveu que “este poema é uma glosa imaginosa e irónica da *Época Maneirista*” e, de facto, o texto parece deixar para segundo plano a figura retratada (“A grã-duquesa – se o foi, não foi, de quem é filha, / de quem foi mãe, ante um retrato assim / tão pouco importa!” – vv. 34-36) e focar-se num conjunto de atributos simbólicos que o poeta identifica nela, à luz do que conhece sobre o contexto civilizacional em que esta viveu. A Arquiduquesa é descrita a partir das qualidades indefiníveis que o lugar que ocupou na hierarquia social e política do seu tempo lhe conferiu (“Pomposa e digna, oficialmente séria” – v. 1) e é esse mesmo lugar que preside à leitura dos seus traços físicos: “Na boca firme, como no olhar duro, / ou no cabelo ferozmente preso [...] ou nos bordados do vestido em que nem seios / se alteiam muito, há uma virtude fria, / uma ciência de não-pecar na confissão e na alcova / uma reserva de distante encanto” (vv. 10-16).

Atento à dimensão histórica da personagem, Sena sublinha o entramado de interesses dinásticos e económicos que confluíram na sua linhagem (“é geometria ideal de príncipes banqueiros / sobrinhos, primos, tios de toda a Europa / de reis, senhores de terras e armadores,” (vv. 2-4) e demora-se na evocação do ambiente cultural da época. A arte e a ciência do Renascimento são mencionadas no texto em alusões à divina proporção, às indagações sobre a forma da terra, à astrologia, às descobertas marítimas, à teoria heliocêntrica. De modo semelhante são recordadas características determinantes das sociedades europeias do tempo, como a vida de corte, as guerras de religião e

os conflitos teológicos, em expressões como “Palácios, festas, complicadas odes, / a procissões e cadafalsos” (v. 24), às “teses tridentinas” (v. 29) e aos “príncipes cristãos que se devoram sob / a paternal vigilância de uma Roma etérea” (v. 31-33).

Apesar do que o título do poema possa sugerir, Eleanora de Toledo não é, neste poema, mais do que uma peça entre outras, a que o poeta pode recorrer para, num esforço de imaginação, se projectar no devir histórico e construir uma representação do passado que o torne emocionalmente próximo. Esse exercício, que a poesia possibilita, é apresentado, pelo autor, como uma forma de conhecimento. Nas suas palavras: “se não fora a poesia olhando a História, nenhuma vida em verdade conheceríamos, nem a nossa própria.”

---

\* Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde é membro integrado do Centro de Estudos Clássicos. Responsável pelo Gabinete Cultural da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. Colabora regularmente com Centros de Investigação em Portugal e no Brasil. Realizou edições críticas de autores portugueses dos séculos XVI a XVIII. Nos últimos anos tem trabalhado sobre escritoras portuguesas anteriores a 1900. Entre as suas publicações contam-se *Visões de Glória (Uma introdução à Poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, 2 vols.; as *Obras de Francisco Joaquim Bingre*, 6 vols; o *Teatro Completo de Camões*; a colectânea de ensaios *A Marquesa de Alorna (1750-1839) Estudos*. Em 2013 organizou *Uma Antologia Improvável? A escrita das mulheres (1495-1830) e*, em 2015, uma antologia das *Obras Poéticas da Marquesa de Alorna (IN-CM)*.